

CURSO DE LETRAS

PROJETO DE PESQUISA

A interligação entre Literatura e Sociedade no romance *Dois irmãos* de Milton Hatoum.

Camilla Rodrigues Pereira (Orientanda)

Prof^a. M.Sc. Kárita Aparecida de Paula Borges (Orientadora)

Brasília, 2012.

INTRODUÇÃO:

O Regionalismo Revisitado é um dos pilares para o entendimento da narrativa *Dois irmãos* (2000), do escritor amazonense de origem libanesa, Milton Hatoum, haja vista que no romance o território geográfico¹ torna-se presente como instrumento para engendrar o processo criativo, que se dá por meio de uma consciência dilacerada do subdesenvolvimento².

Essa fundamentação teórica do crítico literário, talvez possa ser relacionada com a obra em questão, pois ao utilizar os traços pitorescos da região amazônica de maneira a relativizar o exotismo com o qual o leitor está acostumado a enxergar a Amazônia.

A literatura hatouniana trata de fatos universais por meio da redução estrutural – o drama familiar calcado na disputa entre dois irmãos gêmeos na casa da família de imigrantes libaneses, e, principalmente, o processo de modernização tardia no país (o pilar dos países periféricos), e, suas consequências que contribuem para nos aprisionar numa universalidade que é a do capital.

Assim, com essa passagem do local para o universal, sem ater-se a fatos naturalistas que pintam a realidade, Milton Hatoum faz os dramas da casa estenderem-se à cidade e ao rio: Manaus – a Cidade Flutuante – interage numa cumplicidade com o rio Negro, e ambos se entrelaçam para comporem as redes de ruínas e de tempos passados na narrativa.

O que aproxima *Dois irmãos* da tradição regionalista brasileira é o enfoque no qual o romance ambienta-se: uma Manaus – onde o pitoresco é relativizado: “esse é o universo do romancista Milton Hatoum, que não pode ser rotulado, porque só o é para um olhar de fora, e não para quem, sendo parte dele, o vê sem idealização, com melancólica lucidez”³. Tal fato ocorre na passagem em que Nael (narrador-personagem) passeia pelo porto da Catraia e o descreve sem torná-lo como algo inusitado, e sim, como um lugar que faz parte de sua memória infantil⁴. Pode-se constatar que o regionalismo de Milton Hatoum – se for possível caracterizá-lo nessa perspectiva de Pellegrini – tem como foco dois pontos centrais: a memória e a observação, especificadas abaixo num fragmento do artigo:

A memória, nesse sentido, tanto pode ser entendida como a do autor, que revisita ficcionalmente a Amazônia de sua infância, quanto a dos narradores⁵, que buscam por meio de um relato, os traços perdidos de sua identidade. Trata-se de um processo mental duplamente trabalhado, se assim se pode dizer, o qual, como quer Candido, elabora conscientemente uma realidade humana, extraída da observação direta de seus territórios materiais e subjetivos, com sensibilidade plástica, apuro lingüístico e acuidade psicológica⁶.

Para ratificar essa ideia pode-se reportar novamente a Candido que analisa:

¹ Sobre a influência do espaço na narrativa Milton Hatoum em entrevista concedida a *Revista Cult*, em julho de 2000, diz: “um romancista não é obrigado a evocar seu país, embora isso ocorra por meio da alegoria. E às vezes, mesmo quando o país não é matéria do enredo, ou não é tratado explicitamente, tem alguma coisa da vida do escritor que é latente. [...] um território, mínimo que seja, pode ser um mundo de muitas culturas, é um lugar que tem uma história, com suas relações de identidade...” (SCRAMIN, Susana. Entrevista com Milton Hatoum. *Revista Cult*, 2000, p. 06-07).

² CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: _____. *A Educação pela noite*. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

³ PERRONE-MOISÉS, Leila. A Cidade Flutuante. *Caderno Especial - Jornal de Resenhas*, 2000.

⁴ *Ibidem*, p. 80-81.

⁵ Nesse ensaio a autora analisa, também, o romance *Relato de um certo Oriente* (1989) do escritor.

⁶ PELLEGRINI, Tânia. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. *Revista Luso-Brazilian Review*, University of Wisconsin System, 2004, p. 14.

Uma obra é uma realidade autônoma, cujo valor está na fórmula que obteve para plasmar elementos não-literários: impressões, paixões, idéias, fatos, acontecimentos, que são a matéria prima do ato criador. A sua importância quase nunca é devida à circunstância de exprimir um aspecto da realidade, social ou individual, mas à maneira por que o faz⁷

Outro elemento fundamental nesse estudo é perceber como se processa o eixo estruturante dessa narrativa arquitetada por fatores de contradição (arcaico e moderno), de luta de classes (condição do agregado em que o narrador-personagem e sua mãe que é empregada da casa), que são constituintes de nossa nação.

Esses questionamentos direcionam os intelectuais a refletirem a respeito do posicionamento da literatura brasileira contemporânea na modernidade latino-americana. Em *Dois irmãos* essas tensões e contradições são evidentes em várias passagens do romance, no qual encontramos explicitamente o conflito entre o arcaico (representado por uma Manaus decadente que num primeiro momento é o espaço onde se situa a loja de Halim – imigrante libanês pai dos irmãos gêmeos rivais – que só vende quinquilharias) e o moderno (aludido quando Rânia – filha do comerciante libanês – ao assumir o negócio reforma a loja, vende os estoques e aposta nos produtos importados).

Essa atitude é influenciada por Yaqub, seu irmão, como conta o narrador: “Desconfiei da sanha empreendedora de Rânia e percebi que seu impulso era movido pelas mãos e as palavras de Yaqub. Em menos de seis meses a loja deu uma guinada, antecipando a euforia econômica que não ia tardar”⁸. Esse talvez seja, segundo o enfoque da presente proposta de análise, o ponto crucial da narrativa: a dicotomia Norte (arcaico) *versus* Sul (industrializado), lembrando que a essa altura do enredo Yaqub vivia na capital paulista.

O sentimento de deslocado em seu local de origem leva Yaqub “o montanhês rústico que urdia um futuro triunfante”⁹ *fora da província manauara*, a se enveredar para São Paulo – a capital promissora do país (descrita nas poucas cartas que o jovem estudante de engenharia remetia aos seus pais).

Essa cidade estimula o rapaz a se “expatriar” de seu território familiar constituindo-se num “outro” que não quer vínculo com sua história original. Tendo em vista que essa etapa da vida de Yaqub ocorre por volta dos anos 50 (época da modernização tardia no Brasil) constata-se que: quem conhece de perto o subdesenvolvimento da “nação” de origem, no caso Manaus, eventualmente, perde a ilusão com sua terra natal e deseja buscar o progresso. Enfim, Yaqub rende a sua cultura (amazonense-libanesa) à cultura do capital, ou seja, ao projeto progressista do país, o que torna evidente o conflito entre as regiões do Brasil, gerado pelo processo de modernização que, por sua vez, é estruturada na ideologia do progresso a qualquer preço proclamado pelas elites urbanas das áreas desenvolvidas. E, que sendo exclusiva da elite brasileira, deixa à margem desse processo a maioria da população que desconhece as transformações advindas do desenvolvimento capitalista.

⁷ CANDIDO, Antonio. Os Elementos de Compreensão. In: _____. *Formação da Literatura Brasileira*; momentos decisivos. São Paulo: Martins, 1959, p. 34. 2 v.

⁸ HATOUM, Milton. *Dois Irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 130-131.

⁹ *Ibidem*, p. 32 [grifo nosso].

1. JUSTIFICATIVA

O intuito do presente trabalho é averiguar a construção narrativa da obra *Dois irmãos* como produção artística pertencente ao *corpus* da tradição literária brasileira, e os possíveis questionamentos suscitados em torno dessa mesma tradição. Esse projeto tem como perspectiva analisar a obra literária atrelada ao contexto sócio-histórico-geográfico, mas não como representação do real enquanto documentário, e sim, perceber a realidade como instrumento (matéria prima) que o escritor utiliza para recriar, transfigurar, por meio de um discurso poético (ficção), a realidade em que se insere. Essa evidência é, também, fruto da leitura do artigo “Literatura de Dois Gumes”¹⁰, do crítico literário Antonio Candido, que discute a respeito da ligação entre a literatura e sociedade no processo criador.

Com essa ressalva, faz-se necessário inferir a noção de espaço geográfico (no caso específico o território amazônico brasileiro) como veículo problematizador das relações sociais no âmbito da obra hatouniana em questão. Haja vista que tal concepção propicia uma narrativa ambientada na Manaus das décadas de 1910 a 1960 (desde o fim do ciclo da borracha, passando pela 2ª Guerra Mundial até a ditadura militar com O Golpe de 64), que revelada pelo olhar de um arguto observador, compõe uma narrativa caracterizada como regionalismo revisitado¹¹, e que, ao mesmo tempo em que se aproxima do romance de 30 também se diferencia dele. Porque, o regionalismo da década de 30 ao direcionar seu olhar para as práticas sociais e ideológicas não vislumbrava o pitoresco, não havia o intuito de enaltecer as peculiaridades telúricas do país, mas utilizá-las como pano de fundo na abordagem de questões universais.

Desse modo, em seu artigo Tânia Pellegrini (2004) propõe-se pensar a narrativa de Hatoum como um regionalismo que, mesmo ao beber nas fontes do romance de 30 (ao propiciar questionamentos em relação a nossa estrutura social e econômica) embarca numa relativização do exótico oferecendo ao leitor um enredo que cria uma concepção de Manaus – a Cidade Flutuante – “como um universo ‘outro’, exótico mesmo, mas de um exotismo claro apenas para um olhar de fora, não para quem, como o autor (e os narradores)¹², sendo parte dele, o vê sem idealização, com a lucidez melancólica de quem conhece o calor e a chuva, as muitas águas, frutas, pássaros e peixes, o cheiro do lodo e o da floresta¹³”.

Parece que Milton Hatoum tem o intuito de revitalizar o regionalismo ao utilizar “com habilidade e traços particulares os referidos temas de fundamento telúrico, *mas de maneira a fazer uma reinserção deles numa ambiência peculiar, construída pela memória, amparada ao mesmo tempo na lembrança e no esquecimento*”¹⁴.

Portanto, pode ser que a descrição pitoresca de Hatoum surge para revelar uma Manaus evocada pela memória que, mesmo numa distância temporal, expõe uma visão exuberante do passado em certo grau de saudosismo¹⁵. Esta constatação talvez fique evidente em *Dois Irmãos*, cujo cerne da narrativa é a memória do narrador-personagem, uma memória traiçoeira que oculta

¹⁰ CANDIDO, Antonio. Literatura de Dois Gumes In: _____. *A Educação pela noite*. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

¹¹ PELLEGRINI, Tânia. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. *Revista Luso-Brazilian Review*, University of Wisconsin System, 2004. p.121-138.

¹² Aqui a autora refere-se também ao romance *Relato de um certo Oriente* (1989) do escritor.

¹³ PELLEGRINI, Tânia. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. *Revista Luso-Brazilian Review*, University of Wisconsin System, 2004. p. 124.

¹⁴ *Ibidem*, p.127 [grifo nosso].

¹⁵ HATOUM, Milton. *Dois Irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p.74.

muitos fatos, porque não nos diz exatamente o que aconteceu, mas talvez aquilo que deveria ter acontecido.

Em suma, o narrador, com lugar instável na sociedade e/ou na família, herda dessa trama os esquecimentos, as opressões, as omissões que ocultam o conhecimento de sua origem – sua história, enfim, sua identidade: “Eu não sabia nada de mim, como vim ao mundo, de onde tinha vindo. A origem: as origens”¹⁶. Talvez o discurso proferido nesse romance seja de caráter político para suscitar um questionamento sobre a representação brasileira, devido à preferência por um narrador-personagem que, apesar do desconhecimento em relação a sua origem paterna, tem a convicção de que somente ele é quem pode nos contar a trajetória dos outros personagens, enfim, ter o xeque-mate do destino dos outros. Infalivelmente esse é o seu grande triunfo: narrar sua própria história, ser o dono do seu discurso, que apesar de relegado ao quarto dos fundos (o lugar que lhe pertence no quintal), marginalizado numa fronteira social, juntamente com sua mãe Domingas (a índia empregada da casa descrita como uma cunhantã mirrada, meio escrava, meio ama, louca para ser livre¹⁷), utiliza dessa condição para narrar os acontecimentos de sua opressão.

Eis um dos pólos de divergência no romance que é compreender a política do favor, isto é, a condição do agregado como fator de suma importância para que se esclareça a luta de classes no âmbito da literatura brasileira contemporânea, e, conseqüentemente, perceber como se processa o eixo estruturante dessa narrativa arquetizada por elementos de tensão: Domingas e Nael vivem de acordo com as vontades de Zana – a matriarca dessa família que não o reconhece como neto, ou seja, como pertencente ao seu núcleo familiar. Sendo que é por este sentimento de inferioridade social que a narrativa vem à tona, pois é “[...] Dada à assimetria destas relações, em que, a parte pobre não é ninguém, tudo se resume na decisão da parte proprietária, a que não há nada que acrescentar. Deste ponto de vista, a fabulação reduzida expressa uma correlação de forças, e reitera a face taciturna do poder”¹⁸. Assim, é nessa total desproteção dos pobres que o narrador, como referido acima, irá reivindicar seu legado na narrativa e nos contar a sua história de vida que se tece atrelada à história coletiva tanto da família de imigrantes quanto do próprio Brasil, especificamente de Manaus. Porque, não há uma memória individual, desvinculada do grupo social e da cultura em que se está inserido.

Com esse aspecto torna-se importante pensar a respeito do posicionamento do romancista ao tentar se aproximar do “outro” – pertencente a outra classe não só social como também étnica – ao representar o não-dito, ou seja, a visão do agregado, em elemento narrativo. Será que esse desejo de fusão entre o “eu” e o “outro” é possível na narrativa hatouniana, se pensarmos em luta de classes? O trecho a seguir porventura evidencia a voz do escritor “[...] muita coisa do que aconteceu eu mesmo vi, porque enxerguei de fora aquele pequeno mundo. Sim, de fora e às vezes distante. Mas fui o observador desse jogo e presenciei muitas cartadas, até o lance final”¹⁹. A questão é: O autor que, como já dito, pertencente a uma estrutura social e cultural diferente da vivida pelo narrador pode representar quem faz parte da outra margem da História? Até que ponto, na perspectiva de Candido, essa é a intenção ideológica do autor? Portanto, esses são problemas importantes de se tratar nessa obra.

¹⁶ Idem, 2000, p.73

¹⁷ Ibidem, p. 67.

¹⁸ SCHWARTZ, Roberto. A sorte dos pobres. In: _____. *Um Mestre na Periferia do Capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades; Ed.34, 2000, p.90-91.

¹⁹ HATOUM, Milton. *Dois Irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 29.

2. OBJETIVOS

2.1 Geral:

- Encontrar na tradição literária brasileira os conectivos que propiciam a narrativa *Dois irmãos* se estruturar como obra pertencente ao Sistema Literário Brasileiro, problematizando historicamente os elementos dessa mesma tradição com os quais o romance dialoga.

2.2 Específicos:

- Encontrar elementos que possam demonstrar como *Dois irmãos* dialoga com o Regionalismo de 30 revitalizando-o, pois relativiza o exótico promovendo um reconhecimento do espaço geográfico como veículo problematizador em que se inserem autor e obra;
- Observar como o romancista, ao se apoderar do discurso direto, em 1ª pessoa, propicia uma aproximação entre narrador e matéria narrada, o que pode elucidar dada realidade representada, sem cair no distanciamento ideológico – e de classe – que os separa;
- Compreender como a narrativa se perfaz pela problematização da realidade brasileira sócio-histórica que ocorre desde o fim do ciclo da borracha, passando pela 2ª Guerra Mundial, e, por fim, o período da ditadura militar com o Golpe de 64.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

O objetivo desta pesquisa é, a partir de pontos como modernização e política do favor (condição de agregado), verificar como a obra *Dois irmãos* dialoga com as questões pertinentes no âmbito da teoria literária como foi mencionado anteriormente. Para isso, o método e os procedimentos utilizados serão calcados pelas contribuições de *Antonio Candido* para esse tipo de análise. Assim, a base metodológica desse estudo será uma leitura profunda de conceitos como “sistema literário”, “tradição literária”, “formação da literatura brasileira”, “redução estrutural”, “localismo e cosmopolitismo”, “consciência dilacerada do atraso”, “regionalismo revisitado” proposto por *Tânia Pellegrini*. Portanto, os críticos literários a serem estudados serão *Antonio Candido*, *Roberto Schwartz*, *Gilberto Dupas*, *Hermenegildo Bastos*, entre outros, que poderão ser agregados na bibliografia para auxiliarem no aprofundamento dessas questões. Enfim, de maneira geral, o projeto será realizado via pesquisa e análises bibliográficas, fomentando a análise crítica do texto literário.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. *A Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1987 (Série TEMAS vol. 1, Estudos Literários).

_____. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos 1750-1880*. 11ª ed., Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2007.

HATOUM, Milton. *Dois Irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HOUAISS, A. e VILLAR, M. de S. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

PELLEGRINI, Tânia. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. In: *Revista Luso-Brazilian Review*, University of Wisconsin System, 2004, p. 121-138. Disponível em: <<http://muse.jhu.edu>>. Acesso em: 27 set. 2011.

PERRONE-MOISÉS, Leila. A Cidade Flutuante. In: *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12 ago. 2000. *Caderno Especial – Jornal de Resenhas*. Disponível em: <<http://www.google.com.br>>. Acesso em: 25 set. 2011.

SCHWARTZ, Roberto. A sorte dos pobres. In: _____. *Um Mestre na Periferia do Capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

SCRAMIM, Susana. Entrevista com Milton Hatoum. *Revista Cult*, São Paulo, jul. 2000. p. 04-09.